

## COMUNIDADES BILÍNGÜES NO BRASIL

Paulino Vandresen  
Universidade Federal  
de Santa Catarina

Introdução

A partir do período colonial, o Brasil convive com um processo de contacto linguístico do português com algumas dezenas de línguas indígenas. Mais tarde, com o tráfico de escravos negros, o português recebeu influências de inúmeras línguas africanas, das quais restam vestígios nos rituais do candomblé e nos creolos do Cafundó e outras áreas rurais isoladas.

Uma vez independente, o Brasil procurou atrair imigrantes europeus para ocupar seu imenso território. A partir de 1824 começaram a chegar ao país as primeiras levas de imigrantes alemães, austríacos e suíços (de língua alemã) que se estabeleceram nos estados do sul, Rio, Minas e Espírito Santo. Depois chegaram grandes levas de italianos, poloneses e outras etnias, completando, no fim do século, mais de 2 milhões de imigrantes de origem europeia (IBGE). Neste século, merece especial destaque a imigração japonesa dirigida sobretudo aos estados de São Paulo, Paraná e Pará. Embora os grupos citados acima sejam os maiores, há grupos de imigrantes húngaros, armênios, árabes, ucranianos, chineses, etc., etc., todos com um número significativo de falantes.

Infelizmente, os dados do IBGE, a partir de 1940 não incluíram questões relativas ao uso das línguas não oficiais faladas pela população, não permitindo identificar o número de pessoas bilíngües no Brasil.

## 1. Línguas Indígenas

Segundo estimativas de linguistas e antropólogos brasileiros, são ainda hoje faladas no Brasil entre 150 a 170 línguas indígenas (Rodrigues, 1984). A população indígena, estimada pela FUNAI em torno dos 200.000 índios, localiza-se principalmente, nos estados e territórios do Norte e Oeste do Brasil, particularmente na bacia Amazônica. Mas, há comunidades indígenas em quase todos os outros estados, mesmo nos primeiros a serem colonizados como Pernambuco, no Nordeste, onde a língua Yathê ou Fulniô continua sendo falada. A comunidade Kaingang distribuiu-se ao longo dos estados do sul com uma população em torno de 10.000 índios.

Fazendo uma relação entre a população indígena e o número de línguas, nota-se que as comunidades linguísticas são pequenas quanto ao número de falantes, principalmente se considerarmos que quase 50.000 índios são falantes monolíngues do português. Cerca de 36 línguas (segundo Rodrigues, 1984) contam com menos de 100 falantes, algumas com menos de 50. O número mais elevado de falantes pertence às línguas Tukuna, Makuschi, Kaingang, Guarani, Terena, Guajajara... que numa escala decrescente podem ir de um máximo de 15.000 a um mínimo de 5.000 falantes.

Uma classificação das línguas indígenas do Brasil foi apresentada por Rodrigues (1972:4034-36) com informações adicionais sobre a sua documentação por missionários; expedições científicas e linguistas brasileiros e estrangeiros. Segundo esta classificação 2/3 das línguas indígenas brasileiras pertencem aos troncos ou famílias: Tupi, Macro-jê, Karib, Aruak e Pano. O restante, a grupos linguísticos menores como Tukano, Mura, Makú, Guaibaru, Xiriana, etc. ou ainda não foram classificadas convenientemente.

Do ponto de vista do contacto com a cultura do branco, os grupos indígenas têm sido classificados como: a) integrados; b) em contacto permanente; c) em contacto intermitente e d) isolados (Ribeiro, 57 e Emerich, 1983). Esta classificação, entretanto, não reflecte uma descrição da situação de monolíngüismo ou bilingüismo do grupo. Há índios integrados que mantêm sua língua indígena e há grupos isolados onde ocorrem situações de bilingüismo ou mesmo multilingüismo pelo contacto entre diferentes grupos indígenas ou com o próprio português, co

no Alto Xingu e no Vaupês (Frimmerich, 1984). Na verdade, são poucos os estudos sobre o bilinguismo em populações indígenas do Brasil. A ênfase tem sido a documentação e descrição das línguas indígenas, frequentemente direcionada para preocupações missionárias.

O estudo das línguas indígenas do Brasil esteve sempre vinculado a preocupações missionárias. Da primeira gramática do Tupinambá (Pe. Anchieta, 1595) até os nossos dias vários grupos missionários se dedicaram ao estudo e descrição das línguas indígenas. A partir de 1956, a organização mais atuante na documentação e descrição das línguas indígenas do Brasil tem sido o Summer Institute of Linguistics/Wycliff Bible Translators. Presentemente, o SIL desenvolve trabalhos descritivos com cerca de 40 línguas indígenas, para as quais estão sendo produzidos materiais de leitura e de educação religiosa. O CIMI (Coordenação Indigenista Missionária) coordena a actividade missionária católica tendo produzido materiais para diferentes indígenas, onde mantém escolas bilíngues. Deve-se destacar que algumas línguas indígenas são faladas através das fronteiras do Brasil com países limítrofes como Colômbia, Peru, Suriname, etc. Segundo Rodrigues (1984) mais de vinte línguas indígenas, também faladas no Brasil, estão sendo estudadas nos países vizinhos, em sua maioria pelo SIL.

Nas instituições puramente acadêmicas, destacam-se as actuações do Departamento de Linguística da UNICAMP e a Divisão de Antropologia e Linguística do MUSEU NACIONAL vinculado à UFRJ. Cerca de 17 (dezassete) línguas indígenas vêm sendo estudadas pela UNICAMP e em torno de 6 (seis) pelo Museu Nacional. Somando-se ainda quatro línguas indígenas estudadas por linguistas ou antropólogos estrangeiros verifica-se que em torno de 100 línguas indígenas mereceram alguma atenção descritiva, dentre as 170 ainda faladas.

Numa avaliação dos trabalhos devemos, entretanto, salientar:

a) Há poucos trabalhos descrevendo situações de bilinguismo nos grupos indígenas.

b) Com excepção do SIL, que se apresenta como um grande publicador de suas análises, outras organizações religiosas não se apresentam como instituições linguísticas e pouco têm contribuído com publicações nesta área.

c) Também as instituições acadêmicas brasileiras têm publicado pouco na área de línguas indígenas. Há falta de financiamento e muitas dificul

dades burocráticas para acesso dos lingüistas e antropólogos às áreas indígenas para o desenvolvimento de pesquisas.

A educação bilíngue é praticada em algumas escolas da área indígena. A preparação de gramáticas pedagógicas e colecções de textos tem estimulado a observância de prescrição legal que torna obrigatória a alfabetização na língua indígena do grupo (Art. 49) "A alfabetização dos Índios far-se-á na língua do grupo a que pertencem, e em português, salvaguardado o uso da primeira." (Lei 6.001 de 19/12/73 Estatuto do Índio). A educação bilíngue, obrigatória por lei, torna-se difícil ou até impossível quando a língua indígena não foi descrita e não conta com nenhum material didático para a preparação de professores ou monitores. Estas dificuldades, somadas a várias outras, explicam porque a educação bilíngue nas comunidades indígenas brasileiras é ainda tão deficiente.

## 2. Línguas Africanas

O Contacto do Português com as Línguas Africanas começa com as primeiras incursões dos navegantes portugueses nas costas da África. Segundo Naro (1978) o pidgin português se desenvolveu em duas etapas. A primeira começa em torno de 1440 e consiste na captura de negros trazidos para Portugal, onde aprenderam português para servirem como intérpretes em novas incursões pela África. A segunda começa com a instalação de colónias no Golfo da Guiné, Angola e Moçambique. O estabelecimento das primeiras colónias, na ilha de São Tomé deu-se em 1485. De acordo com Ferraz (1976) o creolo teve sua origem com a chegada dos primeiros colonizadores portugueses e escravos a esta ilha. Uma língua bantu, (Kongo) e uma língua Kwa (Bini) figuram de forma proeminente no substrato desses primeiros creolos já que os escravos vinham do Reino do Congo e Benin. Com o início da colonização do Brasil, com trabalho escravo, um grande número de colonos portugueses da ilha de São Tomé com know-how de contacto com línguas africanas e creolos, foi transferido para o continente Americano (Ferraz, 1976). Não há dados confiáveis sobre as línguas africanas faladas pelos escravos trazidos para o Brasil. Sabe-se, por documentação histórica, que a maioria dos escravos procediam da região sul da África, o que os filia lingüisticamente ao grupo Bantu, das Colónias de Angola e Moçambique. As línguas do grupo Bantu teriam predominado no nordeste e no sul, como expansões da colónia a partir dos portos de Recife e

Rio de Janeiro. A Bahia teria recebido um maior número de falantes de procedência Sudanesa. O fluxo de falantes de línguas Africanas só se extinguiu com o fim do tráfico em 1831. A diversidade linguística dos Africanos é atestada em documentos históricos que citam as "nações" de onde procedem como "Mina", Cabo Verde, Nagô, Banguela, Congo, etc. e a rivalidade decorrentes dessa origem.

Qual era a realidade linguística na senzala? Como se relacionavam linguisticamente brancos e negros? É espantoso como é escassa a informação sobre estes tópicos e sobre línguas africanas no Brasil, em geral. A Biblioteca de Évora (Portugal) possui o manuscrito "Obra Nova de Língua Geral de Mina" escrito antes de 1731, numa área de mineração. Segundo Castro (1978) seu vocabulário de 831 palavras, em pequenas frases, pode ser relacionado em 80% com a língua FON sendo os restantes 20% relacionadas com as línguas MAHI, MINA e EWE. Desenvolvimentos semelhantes de línguas gerais devem ter ocorrido em outras regiões.

O afluxo contínuo de africanos fazia com que na maioria das comunidades negras houvesse:

1) Falantes nativos de línguas africanas capazes também de usar um Pidgin ou creolo de base portuguesa. Não se exclui neste caso o bilinguismo em línguas africanas.

2) Negros já nascidos no Brasil (que não eram falantes nativos de línguas Africanas) falantes de uma língua de contacto ou creolo e talvez do português regional.

3) Falantes do português regional eventualmente, entendendo expressões de línguas africanas ou creolos.

Com a falta de realimentação do 1º grupo com o fim do tráfico, e as pressões do branco contra o seu uso, as línguas africanas deixaram de ter falantes nativos e foram desaparecendo gradativamente. O que resta hoje das línguas Africanas no Brasil, pode ser classificado como Bilinguismo residual, pois ocorre somente em cultos de origem africana (Candomblé, Macumba) ou como língua "secreta" em comunidades negras, isoladas geograficamente, como no Cafundó (Vogt and Fry, 1980, 1983, 1985).

Mata Machado recolheu em 1928, 65 canções de trabalho ou "Vissungos" e 219 itens lexicais, predominantemente bantus em São João de Chapada (MG).

Em seu livro "O Negro e o Garimpo em Minas Gerais", Mata Machado Filho (1943) classifica essas canções, salientando entretanto que "estão desaparecendo, estão morrendo os poucos que sabiam"... (1943:61).

Nas últimas décadas cresceu o interesse em estudar a contribuição do negro para a cultura brasileira. Com a criação do Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA, desenvolveram-se pesquisas sobre a língua utilizada entre os "iniciados" nos cultos Afros do candomblé. Verificou-se que os Pais de Santo usam frases, com noção do valor semântico das mesmas, mas sem reconhecimento individualizado dos morfemas formadores.

A partir da década de 70 promoveu-se a vinda de especialistas em línguas africanas com oferta de cursos de línguas Africanas seguidos com grande interesse particularmente pelas lideranças religiosas do candomblé.

A influência das línguas africanas no Português do Brasil tem sido estudada por gramáticos da língua portuguesa atribuindo suas origens ao Yoruba ou ao Bantu. Os dois trabalhos mais abrangentes sobre os empréstimos de línguas Africanas no Português do Brasil foram produzidos na Universidade Nacional do Zaire:

a) "Repertoire des Vocables Bresiliens d'Origine Africaine" de Jean Pierre Angenot, Jean-Pierre-Jacquemin e L.Vincke publicado em 1974 em Lubumbashi, pelo Centro de Lingüística Teórica e Aplicada da Universidade Nacional do Zaire.

b) A Tese de Doutorado de Yeda Pessoa de Castro, intitulada "De L'Integration des Apports Africains dans les Parlers de Bahia au Brésil" - defendida em 1978.

O primeiro trabalho analisa mais de 1.500 palavras portuguesas de origem africana.

O segundo trabalho amplia este número com informações adicionais sobre situações em que são usados os empréstimos e expressões em línguas Africanas, particularmente na Bahia.

Actualmente, os principais centros de estudos de Línguas Africanas no Brasil são:

1) a UFPA com seu centro de Estudos Afro-Orientais dirigido pela Dra Yeda Pessoa de Castro;

2) a UNICAMP (Campinas - SP) que além de liderar a análise do Ca-fundó, tem desenvolvido estudos sobre Pidgins e Creolos;

3) a UFSC (Florianópolis - SC) particularmente através dos trabalhos sobre a fonologia de línguas tonais africanas.

### 3. As línguas dos Imigrantes

O alemão, italiano, polonês e japonês são as línguas mais importantes, em termos de comunidades bilingües no Brasil.

3.1. De 1824 a 1870 o grupo mais numeroso de imigrantes foi o de língua alemã. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) imigraram para o Brasil no 19 século de sua independência 131.441 alemães, 80.509 austríacos e 10.098 suíços. Fouquet (1978) faz uma estimativa de 310.000 falantes de alemão emigrados para o Brasil, incluindo neste número os Menonitas, Suábios do Danúbio e outros imigrantes de fala alemã provenientes da Rússia, Hungria e Tchecoslováquia.

Há uma extensa e rica literatura abordando vários aspectos da imigração alemã no Brasil, como Diegues (1974), Willems (1946), Roche (1959, 1963), etc. Um levantamento desta literatura, com bibliografia anotada foi publicada por Baranow (1972) na revista do Instituto Hans Staden.

Por causa da organização social de suas comunidades - com escolas em alemão, igrejas católicas e protestantes, imprensa em língua alemã, etc. - os imigrantes alemães sempre fizeram questão de manter sua língua. No censo de 1940, o alemão era a língua com maior número de falantes dentre as línguas minoritárias dos grupos imigrantes. Infelizmente os censos não mais colheram informações sobre línguas minoritárias. Estudos recentes mostram que nas áreas urbanas há grandes perdas de falantes de alemão em cada geração. De forma geral os teutobrasileiros de religião protestantes preservam mais a língua alemã que os católicos; mas, há comunidades católicas que usam quase exclusivamente um dialecto alemão em áreas rurais isoladas conforme demonstrou a pesquisa de Zimmermann (1981).

3.2. Os imigrantes poloneses foram localizados predominantemente no estado do Paraná, a partir de 1871. Juntamente com imigrantes ucranianos e russos formam um enclave lingüístico que penetra no norte do estado de Santa Catarina. Também no estado do Rio Grande do Sul existem algumas importantes colônias polonesas. Emigraram para o Brasil perto de 150.000 falantes de línguas eslavas, sendo a população descendente desta etnia estimada em 1.500.000 pessoas (Wouk, 1981 and Kulezynskyj, 1984).

Por ocasião do centenário da colonização polonesa no Brasil foi publicada uma colectânea sob o título "EMIGRACIA POLSKA W BRAZYLII" (Imigração Polonesa no Brasil) - VARSOVIA LUDOVA SPÓLDZIENIA, 1971 (555p.) contendo 45 artigos e uma extensa bibliografia sobre o assunto.

A influência do clero e as escolas parquiais foram factores importantes na preservação das línguas polonesa e ucraniana (Boruszenko, 1972 and Wachowicz, 1970). Por causa do contacto das línguas eslavas entre si e com o português o fenómeno do multilingüismo é frequente. O grau de conservação da língua materna é elevado nas áreas rurais, mas, vem diminuindo sensivelmente nas cidades.

É impressionante como a eleição de um papa polonês e sua visita ao Brasil revitalizou o interesse dos descendentes de poloneses por sua língua e cultura.

3.3. A imigração japonesa para o Brasil começou em 1908, dirigida principalmente para as áreas de cultivo do café em São Paulo e Paraná. Segundo Saito (1980), calcula-se que 250.000 japoneses emigraram para o Brasil. São conhecidos e respeitados pelo seu sucesso na agricultura mas, o contingente de nisseis e sansseis vem crescendo também nos centros urbanos.

Para uma compreensão da organização social e da aculturação dos japoneses no Brasil os trabalhos de Hiroshi Saito (1961, 1977) constituem leitura obrigatória.

Entre os principais estudos sociolinguísticos sobre a língua japonesa destaca-se Kato & Bárbara (1978) e Pereira (1978).

Por causa da maior diferença cultural e linguística e o papel das Associações Culturais (SAITO, 1980) a população de origem japonesa apresenta um elevado grau de manutenção da língua materna, maior que nas demais línguas de imigrantes. Deve-se destacar também que é o grupo mais recente dentre as grandes



correntes imigratórias do Brasil.

3.4. O contacto entre o Espanhol e o Português apresenta três aspectos importantes:

a) Os espanhóis contribuíram com mais de 500.000 imigrantes (incluindo falantes do galego e catalão);

b) As comunidades limítrofes com países de fala espanhola evoluem para o bilingüismo como o caso estudado por Hensley (1973) na fronteira Rivera/Livramento (Brasil/Uruguai);

c) O português era a primeira língua dos habitantes de alguns "departamentos" do norte do Uruguay e o contacto com o espanhol deu origem ao "Fronteirizo" estudado, entre outros, por Rona (1963).

3.5. Há, ainda, inúmeras outras línguas minoritárias europeias ou asiáticas faladas no Brasil, como o Árabe, Armênio, Chinês, etc. Não localizei, entretanto, nenhum trabalho sobre bilingüismo envolvendo estas línguas em contacto com o português.

#### 4. A Política Linguística no Brasil

A atitude do governo, desde os tempos coloniais, sempre favoreceu o monolíngüismo português, como estratégia para a unidade nacional. Dessa forma as línguas africanas praticamente desapareceram e a educação em língua indígena, praticada pelos jesuítas nos tempos do Brasil-colônia, só retomou, por norma legal, em 1973.

As línguas minoritárias europeias receberam inicialmente um tratamento privilegiado, sendo permitido seu uso e ensino em escolas comunitárias. Com alguma variação de estado para estado, a atitude do governo, com respeito ao uso, e ensino de línguas minoritárias é o seguinte:

a) 1824-1911 - Há uma atitude liberal. O governo não se envolveu muito com os problemas educacionais nas áreas de imigração. Somente poucas escolas ofereciam possibilidades de ensino em língua portuguesa.

b) 1911-1919 - Há uma maior ênfase na abertura de escolas públicas. A ajuda financeira a escolas privadas na área de colonização é condicionada ao ensino de pelo menos algumas disciplinas em língua portuguesa, como

História do Brasil, Geografia, etc. Por esta política várias escolas se tornam bilíngües. Com o envolvimento do Brasil na 1ª Guerra Mundial e o rompimento de relações com a Alemanha, muitas escolas alemães foram fechadas por 2 anos. As de outras etnias, entretanto, permaneceram em plena actividade.

c) 1920-1930 - Na impossibilidade de substituir a rede de escolas comunitárias por escolas públicas o governo continuou permitindo a educação nas línguas minoritárias. Com esta abertura há um grande desenvolvimento de escolas comunitárias em áreas de colonização estrangeira.

d) 1930-1945 - Com a revolução de 1930, começa a campanha da nacionalização, tentando forçar a aculturação linguística dos imigrantes e seus descendentes. Medidas legislativas e administrativas e a abertura de escolas públicas gratuitas tentavam desestabilizar as escolas mantidas pelas comunidades.

As escolas que ministravam o ensino em línguas minoritárias teriam fechado frente a esta concorrência, não fosse a ajuda financeira e o estímulo recebido das pátrias de origem e de grupos religiosos.

O envolvimento do Brasil na 2ª Guerra Mundial resultou em uma forte repressão às escolas e às línguas estrangeiras em geral. Alemão, italiano e japonês foram proibidos. Professores das escolas e pessoas que fossem denunciadas por falar estas línguas em lugares públicos eram presas. Também toda literatura existente, nestas línguas foi recolhida e queimada, proibindo-se a edição de jornais e revistas nestes idiomas.

e) 1946-1984 - Com o fechamento das escolas em línguas minoritárias, o português passou a ser a única língua de instrução no país. Uma grande dificuldade das escolas em áreas de colonização estrangeira, principalmente áreas rurais, era o facto de as crianças não terem domínio adequado do português. Como a escola e os professores não estavam preparados para esta situação, houve muita evasão escolar e repetência. Somente nos últimos anos, as secretarias de educação dos estados vêm se preocupando com a orientação de seus professores sobre problemas com populações bilíngües.

A partir de 1985 um projecto experimental de ensino de línguas estrangeiras, nas escolas públicas iniciado pela Universidade Federal de Santa Catarina e a Secretaria de Educação está despertando grande interesse nas

áreas de colonização estrangeira da região sul.

O projecto visa permitir ao aluno a escolha da língua estrangeira que pretende estudar (antes somente Inglês era oferecido). Dessa forma em áreas de colonização Alemã e Italiana, o ensino dessas línguas está sendo estimulado pelos pais e avós que ainda falam estas línguas. Como o projecto apenas está começando é impossível medir suas consequências em termos de manutenção das línguas minoritárias. Mas, é bem possível que seja o início que uma nova política governamental em relação às comunidades bilíngües do Brasil. Se o projecto for definitivamente implantado, o governo estará favorecendo a manutenção de comunidades bilíngües, como já o havia feito em 1973 quando introduziu a educação bilíngüe nas comunidades indígenas.

##### 5. Variedades do Português Brasileiro Relacionadas às Línguas em Contacto

O estudo dos dialectos sociais do Brasil foi iniciado por Miriam Lemle e Anthony Naro com o Projecto "Competências Básicas do Português" financiado pelo MEBRAL. Os dados lingüísticos são de analfabetos em sua maioria negros e mestiços das favelas cariocas. Sobre estes dados foram realizados inúmeros trabalhos, principalmente teses de Mestrado e Doutorado, na linha da sociolinguística laboviana um desses trabalhos (que se encaixa em nossas preocupações com as línguas minoritárias) é a dissertação de Doutorado de Gregory Guy (1981), por sua hipótese de derivar o PBP (Popular Brazilian Portuguese) de um creolo desenvolvido por escravos e seus descendentes. Ele crê que havia no Brasil plenas condições sociais para a formação de pidgins e creolos. É evidente, porém, que o PBP é diferente estruturalmente dos creolos típicos da região do Caribe. Guy atribui este facto a diferentes graus de descreolização ou a diferentes circunstâncias sociais que prevaleciam na época da formação do creolo e os pidgins que o precederam. Outros trabalhos baseados nos mesmos dados Votre (1978), Gisselle Machline Silva (1982) etc. não exploraram esta hipótese.

Ligados a este modelo de estudo sociolinguístico, surgiram também trabalhos sobre variantes do português em outras áreas, como os trabalhos de Emmerich (1984) Mattos e Silva (1983) e Bisol (1984). Os dois primeiros des

crevem aspectos do Português como língua de contacto no Xingu. O terceiro, Bisol (1984) analisa a regra de harmonia vocálica do português, relacionado ao falar dos povos que colonizaram o Rio Grande do Sul: - Açorianos, Alemães, Italianos e os habitantes das regiões fronteiras com o Uruguay e Argentina. Neste e noutros trabalhos Leda Bisol demonstra que a etnia é uma variável extralinguística importante no português falado no Rio Grande do Sul.

#### 6. Bibliografia Sobre Comunidades Bilingües Produzida No Período de 80-85

Relacionamos a seguir os principais trabalhos sobre comunidades bilingües que envolvam alguma consideração sobre línguas em contacto. Não incluímos nesta relação trabalhos puramente descritivos de línguas indígenas brasileiras.

ALBAN, Maria del Rosário - 1983 - A Imigração Galega na Bahia. Centro de Estudos Baianos, UFBA - Salvador.

ALBAN, Maria del Rosário - 1984 - "Aspectos da Interferência Lexical no Português de Imigrantes Galegos" - Estudos Linguísticos e Literários - nº 01 (6-28). Salvador.

BÁRBARA, Leila e IKEDA, Sumiko - 1981 - A Primeira Língua dos Brasileiros Descendentes de Japoneses. Cadernos PUC nº 9. (42-63). São Paulo.

BÁRBARA, Leila e KATO, Mary - 1982 - Factores Intervenientes - Proficiência Oral em Japonês dos Descendentes de Japoneses Radicados na Cidade de São Paulo. II Encontro Nacional de Linguística. PUC - Rio.

BORTONI, Ricardo e MARIS, Stella - 1984 - "Problemas de Comunicação Interdialectal" - In Tempo Brasileiro 78/79 (9-32) Rio.

BISOL, Leda - 1984 - Harmonização Vocálica, uma regra variável. Tempo Brasileiro 78/79. Edições Tempo Brasileiro Lda. Rio de Janeiro, Julho/Dezembro.

- BISOL, Leda - "A palatalização e sua restrição variável". IV Encontro de Variação Linguística e Bilingüismo. Porto Alegre, 1985.
- BRITO, Célia - 1980 - Interferência da Língua Japonesa na Morfosintaxe da Língua Portuguesa - Dissertação de Mestrado/PUC-RS - Porto Alegre.
- CARSON, Neusa Martins - 1981 - Makuxi (Caribe) e os Universals de Greenberg. Revista do Centro de Artes e Letras 3.1:66-70. Santa Maria - RS.
- CASTRO, Yeda Pessoa de - 1982 - "Língua e Nação de Candomblé". África. CEA/USP, (4):82-97. São Paulo.
- CASTRO, Yeda Pessoa de - 1980 - "Culturas Africanas nas Américas: Um Esboço de Pesquisa Conjunta na Localização dos Empréstimos". Afro-Ásia. CEAO/UFBA, (13):14-27. Salvador.
- CASTRO, Yeda Pessoa de - 1980 - Os Falares Africanos na Interação Social do Brasil Colônica. CEB/UFBA, (89), Salvador.
- CASTRO, Yeda Pessoa de - 1981 - A presença Cultural Negro-Africana no Brasil: Mito e Realidade. CEAO/UFBA, Série Ensaio/Pesquisas, 10, 1981, Salvador.
- CASTRO, Yeda Pessoa de - 1983 - "L'Afrique au Brésil, une Nouvelle Approche". Recherche, Pédagogie et Culture, (64):7-10, Paris.
- CASTRO, Yeda Pessoa de - 1983 - "Das Línguas Africanas ao Português Brasileiro". Afro-Ásia. CEAO/UFBA, (14):81-106, Salvador.
- CHAPMAN, S. - 1983 - Gramática Pedagógica Paumari. SIL - Arquivo Linguístico. Brasília.
- DOOLEY, Robert (ed.) - 1984 - Estudos sobre Línguas Tupi do Brasil - SIL - Série Linguística nº 11 - Brasília.
- DRUSZES, Arlindo Milton - 1983 - Bilingüismo em ARAUCÁRIA: A Interferência Polonesa na Fonologia Portuguesa - Dissertação de Mestrado, Universidade Católica do Paraná, Curitiba.
- EKDAHL, Muriel e BUTLER, Nancy E. - 1979<sub>a</sub> - 'Aprenda Terena', vol 1, Brasília: SIL.

- FKIWIŁ, Muriel e BUTLER, Nancy E. - 1979b - "Aprenda Terena"; vol 2, Brasília: SIL.
- EMMERICH, Charlotte - 1984a - Contacto Lingüístico e Variação - in Tempo Brasileiro 78/79 (33-53), Rio.
- EMMERICH, Charlotte - 1984b - A Língua de Contacto no Alto Xingu - Tese de Doutorado - UFRJ, Rio.
- EMIRI, Loretta - 1981 - Gramática Pedagógica da Língua Yãnomamê. Missão Catri nãni, Boa Vista.
- EVERETT, Daniel L. - 1982 - Phonetic Rarities in Pirahã. Journal of the International Phonetic Association, December 1982:94-97.
- EVERETT, Daniel L. - 1983 - A Língua Pirahã e a Teoria da Sintaxe. Descrição, Perspectivas e Teoria. Ph.D.Dissertation - UNICAMP - Campinas.
- FRANCHETTO, Bruna - 1983 - A Fala do Chefe : Gêneros Verbais entre os Kuikuro do Alto Xingu - Cadernos de Estudos Linguísticos nº 04:45-72, Campinas.
- FROSI, Vitalina e MIORANZA, Ciro - 1983 - DIALECTOS ITALIANOS - Um Perfil Lingüístico dos Italo-Brasileiros do Rio Grande do Sul - EDUCS - Caxias do Sul - RS.
- FRY, Peter and VOGT, Carlos - 1985 - Os Mestres da Língua Secreta do Cafundó e o PARADOXO do Segredo Revelado - in Boletim do Museu Nacional nº 51 (1-24). Rio.
- GHERRE, Maurício - 1981 - O Corpus dos Vissungos de São João da Chapada (MG), FUC-RJ (155-171), Rio.
- GHERRE, Maurício - 1983 - "O Índio como Pesquisador" in Lingüística Indígena e Responsabilidade Social - Cadernos de Estudos Linguísticos 4, 31-44, Campinas, SP.
- CRIMES, Barbara - 1983 - Atitudes Lingüísticas: Identidade, Diferenciação e Sobrevivência no Uaupês - SIL - Brasília.

- HEYE, Jürgen - 1983 - Considerações Metodológicas sobre o Estudo do Bilinguismo in Anais do II Encontro de Estudos do Bilinguismo e Variações Linguísticas, 2-16, UFSC, Florianópolis.
- ISTRE, Giles - 1982 - Proposta para um Estudo de Mortalidade Linguística - I Encontro de Estudos do Bilinguismo e Variação Linguística, 36-44 UFRGS, Porto Alegre.
- JENSEN, A. - 1982 - Análise Formal do Discurso de Dois Textos Didáticos na Língua Wayapí (Oiapó). SIL - Arquivo Linguístico, Brasília.
- KOCH, Walter - 1982 - Pesquisas na Área do Alemão Falado no Rio Grande do Sul, I Encontro de Estudos do Bilinguismo e Variação Linguística (1-10) UFRGS. Porto Alegre.
- KOOP, Gordon e SHERWOOD, Lingenfelter - 1983 - Os Deni do Brasil Ocidental - SIL Dallas, Texas.
- KOOP, Gordon e SHERWOOD, Lingenfelter - 1985 - Dicionário Deni-Português, Português-Deni. SIL - Arquivo Linguístico. Brasília.
- KULCZYNSKYJ, Wolodymyr - 1984 - Mapeamento de Comunidades ESLVAS NO PARANÁ. In Fragmenta Linguística nº 3 (23-60) - Curitiba.
- LEITE, Yonne e FRANCHETTO, Bruna - 1983 - "A concepção dos Linguístas" in LINGUÍSTICA INDÍGENA E RESPONSABILIDADE SOCIAL - Cadernos Linguística, 4:15-30, Campinas - SP.
- EMLE, Miriam e PEDXOTO Sílvia - 1981 - Classificação Tipológica das Línguas Indígenas Brasileiras. Anais do V Encontro Nacional de Linguística 349-32. PUC/RJ - Rio de Janeiro.
- LIMA, Olavo e AZEVEDO, Ramiro - 1980 - Isolados Negros no Maranhão - Gráfica S. José. São Luís - MA.
- MATTOS E SILVA, Rosa V. - 1984 - A Diversidade do Português Brasileiro e Seu Ensino aos Povos Indígenas - "XIV Reunião Brasileira de Antropologia", Brasília.
- MATTOS E SILVA, Rosa V. - 1983 - "Observações Sobre Factos Fonéticos em um Dialecto de Transição" in Boletim Abralín nº 5, pp. 141-155.

- MATOS E SILVA, Rosa V. - 1983 - "A Formação de uma Área Dialectal do Português".  
In Ciência e Cultura 35 (735-742), São Paulo.
- MATOS E SILVA, Rosa V. e SILVA, Myriam Barbosa - 1981 - "Manifestação do Processo de Simplificação em um Dialecto de Contacto - in Boletim de Filologia Tomo XXVI (125-137), Lisboa.
- MENDES BARROS, Maria Cândida - 1984 - "Um Caso de Política Linguística: A Questão do Intérprete e do Discurso Religioso no Brasil Colonial," VIII Encontro Nacional de Linguística - PUC/RJ - 43-49, Rio.
- MEO ZILIO, Giovanni - 1983 - "Jergalismos Italianos en La "Gíria" Brasilenã y su Relacion con el "Lunfardo" argentino" - en Philologica Hispaniense - DIALECTOLOGIA: 425-435. Ctedos-Madrid.
- MESCKA, Paulo Marçal - 1983 - Interferência Fonológica do Dialecto Italiano na Aprendizagem do Português - Dissertação de Mestrado - UFRGS, Porto Alegre.
- MONSERRAT, Ruth - 1983 - "Vale a Pena Alfabetizar 28 Pessoas?", in Cadernos de Estudos Linguísticos nº 04. 115-121.
- MULLEN, Paul & Mary - 1985 - Histórias e Mitos na Língua Xokleng, SIL. Brasília.
- MULLEN, Paul and VANDRESEN, P. - 1985 - O Bilingüismo Xokleng/Português no Posto Duque de Caxias - in Anais do IV Encontro de Estudos do Bilingüismo da Região Sul - Porto Alegre.
- NASCIMENTO, Nelli F. - 1983 - "Uma Experiência em Educação Bilíngüe com o Povo Maxakali" in Cadernos de Estudos Linguísticos nº 4:155-164. Campinas.
- ORLANDI, Eni - 1983 - "Algumas Considerações Discursivas sobre Educação Indígena" in Cadernos de Estudos Linguísticos nº 4:122-136. Campinas.
- PAGEJ, Dário Freud - 1982 - Tendências Fonéticas do Português na Redacção de Blumenau - I Encontro de Estudos do Bilingüismo e Variação Linguística - 45-57 UFRGS, Porto Alegre.
- PAGEJ, Dário - 1981 - Étude Acoustique des Voyelles du Portugais Parlé a Blumenau a Partir de la Méthode Sonographique. Ph.D.Dissertation - Strasbourg - França.



- PALÁCIO, Adair Pimental - 1984 - Flexão Pessoal do Vento em Guató: Um Sistema Tripartido. Comunicação ao XXVII Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo. Assis.
- PIRA, Vicente e AMÓDIO, Emmanuele - 1983 - Makuxi Maimu: Guia para a Aprendizagem e Dicionário da Língua Makuxi. Centro de Documentação das Culturas Indígenas de Roraima. Boa Vista.
- POTHAST, Hubold - 1982 - Zum Mundartgebrauch in Siedlingen Pommerscher Auswanderer des 19. Jahrhunderts in Espírito Santo. (Brasilien) Eine Pilotstudie. Karl Wachholts Verlag - Neuminster.
- POZENATO, José Clemente - 1979 - A Literatura da Imigração Italiana - in Imigração Italiana - Estudos: 225-31 - EUCS - Caxias do Sul - RS.
- PRESTON, Dennis - 1982 - How to Lose a Language - I Encontro de Estudos do Bilingüismo e Variação Linguística: 134-167, UFRGS, Porto Alegre.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna - 1980 - Tupinambá e Mundurukú: Evidências Fonológicas e Lexicais de Parentesco Genético. Estudos Linguísticos 3:194-209. Araraquara.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna - 1983 - Typologic Parallelism due to Social Contact: Guató and Kadiwéu. Proceedings of the Ninth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society 218-22. Berkeley.
- RODRIGUES, Aryon; PALÁCIO, Adair e MONSERRAT, Ruth - 1982 - Línguas Indígenas: A Questão Política, Cultural e Linguística - in Boletim ABRALIN nº 3 (169-189), Recife - PE.
- SAITO, Hiroshi (ed.) - 1980 - A Presença Japonesa no Brasil - Ed.USP - Coleção Coroa Vermelha, São Paulo.
- SANTUS, Sílvia Coelho dos - 1982 - O Índio Perante o Direito. Editora da UFSC Florianópolis - SC.
- SEKI, Lucy - 1983 - Observações sobre a "Variação Sociolinguística em Kamyará" in Cadernos de Estudos Linguísticos 4:73-88, Campinas.

- SEKI, Jaky - 1984 - A Reduplicação em Karayurá e Tupinambá - VIII Encontro Nacional de Linguística, FUC-RJ: 49-56, Rio.
- SIEMENS, João Odo - 1984 - Variedades Linguísticas entre os Memonitas de Curitiba, in Anais do "III Encontro de Estudos do Bilinguismo e Variação Linguística", 101-107, Curitiba.
- SILVA, Márcio (ed.) - 1983 - Linguística Indígena e Responsabilidade Social - CADESNOS DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS 4 - UNICAMP - Campinas, SP.
- SORTERAJSKI BARREIRO, Maria Teresinha - 1983 - Poloneses em Santa Catarina, Ed. Lunardelli, Florianópolis - SC.
- SOUZA, Tânia e SOARES, Marília - 1983 - "Alfabetização Tapirapé - Reflexões sobre uma experiência" - Cadernos de Estudos Linguísticos, 4:107-114, Campinas.
- STAUB, Augustinus - 1983a - As Adaptações dos Empréstimos Portugueses no "Hunds-rück" de São Martinho, in Anais do "II Encontro de Estudos do Bilinguismo e Variação Linguística: 85-100", Florianópolis, SC.
- STAUB, Augustinus - 1983b - O Empréstimo Linguístico - Um Estudo de Caso LIVRARIA EDITORA ACADÊMICA Lda. Porto Alegre, (216p.).
- TAKEUCHI, Nair Nodoca - 1980 - Um Estudo da Interferência Lexical - Dissertação de Mestrado, Univ. Católica do Paraná - Curitiba.
- TOBLER, S.Joy - 1983 - The Grammar of Karipuna Creole - SIL - Série Linguística nº 10 - Brasília.
- URBAN, Gregory - 1982 - The Semiotics of two Speech Styles in Shokleng in Case Studies in the Ethnography of Speaking, R. Bauman and Sherzer (eds) pp. 14-67 Southwest Educational Development Laboratory.
- VALLE PEREIRA, Cláudia do - 1983 - A Escola Indígena Apurinã do km 45: Reflexões sobre uma Experiência - in Cadernos de Estudos Linguísticos nº 4: :137-142. Campinas.
- VANDRFSFN, Paulino - 1980 - Contactos Linguísticos em Santa Catarina - in III Colóquio de Estudos Terto-Brasileiro, Ed. UFRGS, Porto Alegre.

- VANDRESEN, Paulino - 1984 - "A Estrutura Silábica do Westfaliano de Rio Fortuna" in Anais de "III Encontro de Estudos do Bilinguismo e Variação Linguística: 38-58," Curitiba.
- VERBURG, Mairigie - 1980 - "O Bilinguismo em CASTROLANDA" Aspectos Sociais da Aquisição da Segunda Língua. Dissertação de Mestrado - UFPR, Curitiba.
- WIGENSEN, Túlia Pilonia - 1982 - Mudança de Código em Adolescentes Bilingües. Estudo de caso, Dissertação de Mestrado, UnB - Brasília.
- WOJCIK, Miguel - 1981 - Estudo Etnográfico e Linguístico da Comunidade Ucraina de Dorizon. Ed. Projecto, Curitiba.
- ZANELLA, Florelo - 1985 - A Mortalidade Linguística do Dialecto Italiano no Município de Rodeio - Dissertação de Mestrado - UFSC, Florianópolis.
- ZIMMERMANN, Ivo - 1981 - Interferência de um Dialecto Alemão na Língua Portuguesa - Dissertação de Mestrado. UFSC, Florianópolis.
- ZIMMERMANN, Ivo - 1983 - Estudo Sociolinguístico de uma Comunidade Alemã - in Anais do II Encontro de Estudos do Bilinguismo e Variação Linguística 40-84. Florianópolis.

#### 7. Referências Bibliográficas Não Incluídas No Item 6

- BARANOW, Ulf Gregor: "Zur Literatur über das Deutsche als Einwanderersprache in Brasilien". Staden-Jahrbuch (São Paulo), vol. 20 (1972:127-141).
- DIEKES JUNIOR, Manoel - 1974 - Bibliografia Geral dos Imigrantes Alemães no Brasil, in Anais do II Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros - Ed. UFPE-Recife.
- FERRAZ, Luís - 1976 - Origem e Desenvolvimento de Quatro Creolos Portugueses no Golfo de Guiné - in Revista Brasileira de Linguística, vol. 3, nº 2. Petrópolis, RJ.
- FOUQUET, Carlos - 1973 - O Imigrante Alemão Hans Staden Institute - São Paulo.